

**Três gerações, partes de uma vida/  
*Three generations, parts of a life***

*Miguel Rettenmaier da Silva \**

*Margarete Maria Soares Bin\**

As três se encontram na sala, sentadas no sofá, presentes no mesmo ambiente e com os pensamentos muito distantes. Belos frutos se diriam. Mesmo sangue, mas completamente diferentes. A vó, Dona Alzirinha, viúva, batalhadora, de origem alemã, nascida no interior, acostumou-se a vida simples do campo, alimentação escassa, vivia com o lucro dos cinco hectares de terra arrendada ao Sr. Jorge, seu vizinho. De família numerosa e tradicional, Dona Alzirinha criou a única filha com dificuldade. A escola era distante na época, por isso não pode dar o estudo merecido à filha. Esta começou a namorar cedo com um belo rapaz, que era isso e só isso que o tornava especial. Não demorou muito para que Augusto e Ângela se casassem, por insistência dos pais dele, os quais acreditavam que o filho adquirindo mais responsabilidades tomaria rumo na vida, mas isso não aconteceu, fazia biscates e o que ganhava gastava em jogos e virando à noite em bebedeiras e festas. Enquanto isso, a filha só não passava fome porque Dona Alzirinha que assim era chamada por ser miúda, mas detentora de uma força enorme, ajudava levando alimentos à filha Ângela e contribuindo com o pagamento das peças de fundo da casa de propriedade da Dona Junqueira.

Sem suportar viver como um peso para a mãe, mesmo contra a própria vontade, Ângela começou a lavar roupas para os soldados do quartel que se instalavam em pensões por perto. Ganhava pouco por isso, mas trabalhava muito, em razão disso, vivia com a cara amarrada. Para completar a situação desmotivadora em que vivia, o marido chegava em casa, após suas noitadas, ela, muito cansada do trabalho, ainda tinha que suportar ser chamada de vadia por ter dado conversa aos soldados. Além disso, ele exigia de Ângela que lhe desse o dinheiro recebido pelas roupas que lavava. Algumas vezes, não querendo arrumar mais incômodo, Ângela entregava o dinheiro, pois queria

---

\* Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS, Pós-Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela, pesquisador da obra de Josué Guimarães, professor da Universidade de Passo Fundo-UPF, atuando na Graduação, Mestrado e Doutorado, endereço eletrônico: miguel@upf.br.

\* Doutoranda e Bolsista em Letras, área de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor pela UPF de Passo Fundo-RS, endereço eletrônico: margaretsbin@yahoo.com.

mais era deitar a cabeça no travesseiro e dormir para esquecer de tudo. Em outras vezes, pensava em reagir, mas apenas o que conseguia era mentir que havia entregue o dinheiro ao João da venda para pagar os mantimentos que comprara.

Numa tarde de sábado chuvoso, o marido se encontra em casa, episódio raro, pois ele geralmente saía cedo aos finais de semana para jogar com os companheiros, e estão ali, dividindo o mesmo ambiente, marido e mulher, sentados, um de frente para o outro e calados. De repente, Ângela, sentiu-se mal e quase desmaiou. O fato se repetiu outras vezes. Não foi difícil Dona Alzirinha concluir que Ângela estava com um bebê na barriga. Tal situação desesperou Ângela, se já estava difícil a vida, como seria sustentar uma criança não planejada? Dona Alzirinha, com toda sua paciência e energia tratou de acalentar a filha.

Foi numa manhã fria, o vento cortava no Sul, os pampas brancos de geada, nesse contexto de inverno, nasceu a bela Camila. Precisou ser enrolada em muitos panos para protegê-la do frio, esses panos foram arrecadados pela vizinhança, que fez um mutirão de solidariedade com medo que a criança não vingasse, já que Ângela apresentava um perfil de mulher fraca, diferente de Dona Alzirinha. Assim, era como se aquele bebê fosse de todos, o envolvimento com a criança foi algo compensador que a família pode assistir, uma forma de encorajamento que as pessoas boas da redondeza proporcionaram para aquela menina esperta, de olhos azuis e que além de tudo teve ao seu dispor os seios fartos da mãe, logo no primeiro dia de vida.

Augusto, agora pai, ainda restava uma esperança de que tomasse rumo na vida e se preocupasse, já que agora tinha uma filha. Mas, para Augusto nada mudou, pelo contrário, gostou da ideia de que Ângela tivesse uma companhia e parasse de lhe aborrecer pedindo que voltasse cedo para casa.

O tempo foi passando, Dona Alzirinha mal tirando para comer, a filha, cheia de dores nas costas em decorrência das roupas pesadas que lavava, Camila crescendo tendo apenas a mãe para orientá-la, sendo de pouca conversa e o pai quando estava presente enchia-lhe de porcarias, que segundo Dona Alzirinha causava-lhe os vermes que depois tinha de levá-la na benzedeira para libertá-la dos males.

Camila foi crescendo na sua pureza, gostava de correr pelos campos, brincar com os bichinhos da vizinhança, tirar leite com a avó paterna e acompanhar os terneirinhos que nasciam na casa dos vizinhos, estes, sabendo de sua paixão pelos

bichos sempre a mantinham informada quando iria nascer novos filhotes. Grudada à Alzirinha, gostava de ouvir suas histórias, admirava a doçura da vó, bem como sua coragem pelos feitos que contava. Camila, então, começou frequentar a escola da cidade. Todos os dias pegava o ônibus e ia com muita alegria para a escola. Ela foi crescendo nesta atmosfera de carinho, pobreza, encanto pela natureza e amor pelos estudos. Na escola não tinha muitos amigos, apenas duas meninas às quais eram inseparáveis. Tinham seus segredinhos, participavam das descobertas umas das outras e chegavam a fazer disputas de notas nas provas.

A adolescência foi chegando, Camila já não tinha mais tanto interesse pelos bichos, suas visitas à casa da avó materna foram ficando espaçadas e ocupava seu tempo maior em casa ouvindo músicas pelo fone de ouvido. O contato com os pais tornara-se esporádico. Do pai, tinha repulsa, envergonhava-se de suas atitudes, também não gostava de continuar morando nos fundos, nunca puderam comprar uma casa de verdade. A mãe, agora mais velha, ainda conservava um fio de beleza, mas parecia dez anos mais velha do que realmente era, mulher de poucas palavras.

Foi numa manhã de domingo, Ângela acordou cedo como sempre, já que as roupas precisavam ser lavadas e secadas, pois nos dias de inverno o sol demorava a aparecer em razão da cerração e ainda como agravador havia dias que chovia a semana inteira sem parar, aí era aquele desespero para secar as roupas e entregá-las a tempo aos fregueses. Nesse corre-corre, precisava colocar as peças do vestuário atrás da geladeira e acender o fogão a lenha, mesmo que aquilo ocasionasse cheiro de fumaça nos tecidos. Foi nessa manhã que se deu conta que Augusto não dormira em casa. O traste, como Dona Alzirinha o chamava, podia demorar para chegar à noite, mas sempre retornava. Mesmo sem nenhuma afeição por ele, mas em consideração por ser pai de sua filha, Ângela preocupou-se e sem outra ação correu para a casa da mãe de Augusto comunicar-lhe o acontecido. Essa tentou acalantar a nora, mesmo sabendo que tipo de filho gerara, nunca defendeu a nora, mas também nunca a reprimou, pensava que agindo assim, conseguiria manter o casamento e o filho pelo menos estaria em boas mãos.

Enquanto estava conversando com a sogra, Ângela ouve o barulho de um carro que se aproxima, eis que dele surge um amigo de Augusto com a feição entristecida. Sem muito rodeio, comunica que Augusto estava jogando até o amanhecer, quanto mais

perdia mais jogava e se envolveu de tal forma com as partidas que não teve como pagar, só sairia do local pagando, como não tinha dinheiro nem proposta para pagamento, dois tiros tiraram-lhe a vida.

Diante dessas palavras, as duas se desesperaram e forçosamente abraçam-se, o que nunca até então tinha ocorrido. Talvez Ângela já imaginasse que um dia algo de ruim pudesse acontecer com o marido, mas não lhe teria ocorrido que poderia ser a morte. Agora, restava encaminharem os preparativos para o velório. Este aconteceu sem maiores envolvimento, pois como disse a sogra de Augusto, ele não era lá essas coisas!

Mediante o fato ocorrido, todos se preocuparam com Camila, mas essa surpreendeu sem dar maior importância para o fato, pois o relacionamento dela com o pai era algo que há muito tempo tornara-se distante. Ambos trocavam poucas palavras e ainda quando acontecia, terminava em desentendimento.

Passou-se uma semana, Dona Alzirinha resolveu conversar com Ângela sobre uma ideia que teve, venderia a terrinha que tinha, compraria uma casa na cidade, perto da escola de Camila e as três morariam lá, que tal?

Ângela gostou da ideia, mas precisaria arrumar um emprego por lá, Camila adorou tal proposta, pois suas amigas eram da cidade e nesta idade, agora com quinze anos, se quisesse diversão, no interior é que não encontraria. Assim, foi o Sr. Jorge mesmo que comprou a terra, pois nesses anos plantando, conseguiu juntar um dinheirinho.

O valor recebido não foi o esperado, então no lugar de uma casa tiveram que comprar um apartamento simples, velho e com dois quartos, na cidade. Camila dormia em um quarto sozinha, mãe e filha no outro. Ângela, que se encontrava cada dia mais apática, conseguiu um emprego de empregada doméstica numa casa de um político renomado na cidade, ficando o dia todo fora e só retornando à noite. Assim, quem cuidava dos afazeres de casa, era Dona Alzirinha, à qual fazia o almoço para a neta que chegava da escola, limpava, organizava tudo, pois não queria e não podia parar. Sentia a necessidade de manter-se ocupada. Sem contar que, Camila, agora no Ensino Médio, passava alguns dias indo na escola no turno integral, então Dona Alzirinha precisava envolver-se nos seus afazeres, pois não queria misturar-se com as fofoqueiras da vizinhança.

Sábado à tarde, conseguiram se encontrar na sala, dividindo o mesmo sofá, Dona

Alzirinha fingia estar completamente compenetrada no jornal, mas estava mesmo a observar as suas meninas: Ângela, assistia a um programa de culinária na televisão, provavelmente sem estar entendendo bulhufas, com o pensamento muito distante, talvez pensando num destino totalmente diferente... E, Camila, mais distante ainda da realidade, mergulhada nos fones de ouvido, Deus queira um futuro promissor para esta menina, Deus queira!

Data de recebimento: 27/02/2018

Data de aceite: 17/04/2018